

# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB  
HA



# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ  
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# Espaços de fabulação em tempos de pandemia

*Jacqueline de Moura Siano*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/000-0002-3937-0004>  
jacquelinesiano@gmail.com

*Isabel Carneiro*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/0000-0003-2054-5705>  
bebelcarneirogm@gmail.com

## Resumo

Passado um ano e dez meses da ameaça de contágio do novo coronavírus, de certo apavoramento e temor da morte que ainda nos ronda, quando a tensão parece diminuir com a expectativa do avanço da vacinação, detemo-nos. Encontramos em nossos ateliês e nas redes sociais um lugar de resiliência para escaparmos à paralisia diante do campo minado da doença sempre à espreita. Estes espaços fizeram emergir paisagens internas perante a sensação de tantos encontros perdidos num tempo de ausências. Espaços que se afirmaram não como um escape, mas como resistência às sombras do contemporâneo e à pandemia que, com sua cruel pedagogia, talvez seja a lição mais clarificada de um de nossos equívocos humanos em face de nossa forma de existência. Diante de incontáveis indagações, procuramos nos acercar de pensadoras e pensadores que aqui serão evocados.

**Palavras-chave:** Isolamento. Pandemia. Ateliê. Processo artístico.

## Abstract

Un an et dix mois après la menace de contagion par le nouveau coronavirus, d'une certaine terreur et peur de la mort qui nous entoure encore, alors que la tension semble s'apaiser avec l'attente de l'avancée de la vaccination, on s'arrête. On retrouve dans nos studios et réseaux sociaux un lieu de résilience pour échapper à la paralysie face au champ de mines de la maladie toujours tapie. Ces espaces ont fait émerger des paysages intérieurs face au sentiment de tant de rencontres perdues dans un temps d'absence. Des espaces qui se sont affirmés non pas comme une fuite, mais comme une résistance aux ombres du contemporain et à la pandémie qui, avec sa pédagogie cruelle, est peut-être la leçon la plus clarifiée d'une de nos erreurs humaines concernant notre mode d'existence. Face à d'innombrables enquêtes, nous avons cherché à approcher des penseurs et des penseurs qui seront ici évoqués.

**Keywords:** Isolement. Pandémie. Atelier. Démarche artistique

## **Espaços de fabulação em tempos de pandemia**

Em nossos percursos diários somos desafiadas a enfrentamentos de várias ordens, seja pelo fato de pertencermos ao grupo de feministas, seja pelo posicionamento à esquerda. Temos pautado nossas pesquisas e entendimento de mundos junto a pensadoras e pensadores que problematizam os modos como a humanidade tem operado com a expansão do capitalismo financeiro, sua atuação no processo de controle de corpos e subjetividades e no descaso à sistemática destruição do meio ambiente natural.

Diante do quadro geral de crises de várias ordens – social, econômica, ambiental – que se viu agravado pelo aparecimento de um novo vírus letal que nos trouxe ao atual momento pandêmico, a uma nova crise sanitária, e à experiência de um tempo em suspensão, encontramos em nossos ateliês e nas redes sociais um lugar de resiliência para escaparmos à paralisia. Esses espaços fizeram emergir paisagens internas diante de tantos encontros perdidos, da impossibilidade do contato físico, do estar-junto-misturado. Um tempo de ausências.

Em face de incontáveis indagações e de um tempo de incertezas que fez desmoronar, mais uma vez, as ideias de previsibilidade e de destinação da humanidade, procuramos nos acercar de pensadoras e pensadores que aqui serão evocados, cujas reflexões alimentam nossas pesquisas teóricas e plásticas.

### **Um tempo em suspensão**

Algo que nos provoca reflexões sobre a vida é a percepção do tempo. Tempo para além da cronologia que nos impõe o ritmo diário de nossas vidas. Tempo do habitar uma situação inesperada. Tempo da espera, da distância e do isolamento. E foi justo uma experiência disruptiva, de interrupção de fluxos cotidianos gerada pelo assombro do contágio de um vírus, que nos trouxe à experiência de um tempo que parece interminável, que expôs os limites de nossas vontades. Nossos corpos (individuais e coletivos) ainda se veem limitados, retraídos, e atravessados pelo medo do ainda-não decifrado. O menor contato físico com o outro, o elevou à categoria de suspeito portador-transmissor do vírus. Imagens de ruas vazias estamparam o temor generalizado da morte.

Mesmo havendo um protocolo geral a ser seguido, cada país demonstrou modos próprios de gerenciar a pandemia, fazendo com que fosse vivenciada de forma e em tempos diversos pelo planeta. O Norte Global (Europa e América) mesmo tomando medidas extremas, como o fechamento de fronteiras, mostrou-se muito mais vulnerável na contenção da propagação do vírus, enquanto o governo chinês evidenciou uma eficiência disciplinar, aliada à vigilância digital, sobre uma população desde sempre obediente. Na Nova Zelândia, a clareza do discurso da primeira-ministra Jacinda Ardern determinou a forte adesão da população neozelandesa ao lockdown freando a disseminação do vírus. Já no Brasil, o

discurso negacionista e a falsa ideia dicotômica de economia versus preservação de vidas, nos levaram à dolorosa marca de mais de seiscentas mil vidas perdidas.

## **Vigilância, controle, biopoder, psicopolítica**

Foucault já nos advertira que os discursos e técnicas de poder organizavam-se de modo a controlar e conduzir a sociedade moderna desde as instituições como a escola, o presídio, o hospital e a fábrica, para extrair de corpos domesticados o máximo de suas capacidades operacionais. Era o corpo físico e sua versão coletiva, a massa, o objeto do biopoder. Com o desenvolvimento da informática, o controle deslizou para as plataformas e redes de relacionamentos instituindo novas formas de governabilidade. Corpos e mentes se mantêm aprisionados ao mundo virtual, derrubando por definitivo as já esgarçadas fronteiras entre o público e o privado. Nesse jogo de forças, computadores e smartphones ligados às redes sociais afirmam-se como dispositivos de controle de subjetividades cada vez mais vulneráveis, que submetem corpo e mente à ingerência de regimes autoritários e a novas demandas de consumo pelo setor empresarial. A responsabilidade pela degradação ambiental, em vez de ser assumida pelas indústrias que despejam dejetos nos ambientes naturais, é direcionada aos consumidores criando o que podemos chamar de autopatrulhamento e um sentimento de culpa que não resolvem a questão. Algo que Isabelle Stengers (2015) já observava em 2008, na emissão de mensagens contraditórias entre o apelo ao crescimento e o incentivo ao consumo, e uma cobrança sobre nossa “pegada ecológica”. Uma espécie de esquizofrenia discursiva de “nossos representantes” que, segundo Stengers:

[...] dão sua benção às exortações que visam provocar a culpa e propor a todos que pensem no que podem fazer em sua pequena escala – com a condição, é claro, de que apenas uma minoria abandone seus carros e de que não nos tornemos todos vegetarianos, pois o contrário seria um golpe baixo no crescimento. (p. 23).

Com a pandemia, vimos ampliarem-se e aprofundarem-se técnicas de gestão de condutas incluindo-se o gerenciamento do trabalho remoto. A casa substituiu o espaço de trabalho embaralhando de vez as fronteiras entre público e privado. O controle rigoroso da higiene pessoal, o uso de máscaras, o distanciamento físico, a medição da temperatura corporal e a própria vacinação, constituíram-se como dispositivos na escalada do biopoder. Por outro lado, o medo do contágio, que provocou o isolamento social, possibilitou a “otimização mental” atingindo um novo estágio de dominação com a psicopolítica (HAN, 2018).

O corpo como força produtiva não é mais tão central como na sociedade disciplinar Biopolítica. Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos

e mentais, são otimizados para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental [...]. Hoje, o corpo é liberado do processo imediato de produção e se torna um objeto de otimização estética ou técnico-sanitária. (Op. cit., p.40, grifos do autor).

Levada à recusa da dor, a sociedade paliativa (HAN, 2021) adota desde fármacos, academias de ginástica, correções estéticas, a eficiência e a produtividade como subterfúgios ao sofrimento, investindo tudo o que pode numa falsa experiência de prazer. Segundo Han, essa fuga, na verdade, reflete o sintoma de uma angústia profunda: a algofobia, doença de uma sociedade infantilizada que só acolhe a felicidade plena: “Seja feliz é a nova fórmula de dominação”, diz Han (p. 26).

O coletivismo, a vida em comunidade, o compartilhamento de ideias e de planos se perderam há muito com o discurso de conquistas individuais, do self-made man insuflado pelo neoliberalismo.

No curso do Collège de France entre (1974-75), Foucault se debruçava sobre as questões jurídicas e médicas implementadas historicamente para qualificar os ditos “anormais”, ele discorria nas aulas em como eram redigidos e elaborados os diagnósticos médicos e jurídicos que não diziam respeito nem ao discurso jurídico, nem ao médico. De tão simplificadores, esses discursos teriam apenas a função e o intuito de qualificar a “normatização”, e com isso estabelecer uma ordem de poder.

Essa passagem do normal para o anormal se evidencia com as tecnologias positivas de poder. Segundo Foucault, a substituição do modelo da lepra pelo modelo da peste corresponde a um processo histórico de invenção de tecnologias positivas de poder. A reação à lepra é uma reação negativa, é uma reação de rejeição, de exclusão etc. A reação à peste é uma reação positiva, é uma reação de inclusão, de observação, de formação de saber; de multiplicação dos efeitos de poder a partir do acúmulo da observação e do saber. Passou-se de uma tecnologia do poder que expulsa, exclui, bane, marginaliza e reprime, a um poder positivo: um poder que fabrica, um poder que observa, um poder que sabe, e um poder que se multiplica a partir de seus próprios efeitos, o que Foucault chamou de tecnologias positivas de poder. Dispositivos que hoje são empregados sistematicamente no controle do novo coronavírus.

As tecnologias positivas de poder empregadas sistematicamente na sociedade de controle nos convence que a vacina, o controle do Sars-Cov-2 e o isolamento nos traria saúde e a volta a uma normalidade que, para Boaventura de Souza Santos (2020 online), não passa de uma falácia, visto que desde sempre vivemos algum tipo de crise posta pelo capitalismo, que na contemporaneidade opera junto a Estados enfraquecidos, sem falar de uma classe política distante de seus eleitores e alinhada aos desígnios do mercado financeiro: “esse megacidadão informe e monstruoso que nunca ninguém viu nem tocou ou cheirou, um cidadão estranho que só tem direitos e nenhum dever.” (id, p.10). Sistema dominante que privilegia uma pequena parcela da população interessado nos ganhos de capital, que encenam alguma inquietação pela conservação dos biomas naturais, pelo

acúmulo de dejetos industriais, pelo desflorestamento e pelo aquecimento do planeta. Fatores que se conjugam e nos empurram para a iminência de uma catástrofe ambiental.

O capitalismo financeiro engendrou nas subjetividades demandas superficiais e supérfluas baseadas no consumo, desprezando gestos simples e afetos que não dependem de aparato financeiro. Para Sousa Santos, desde a queda do Muro de Berlin, vivemos em quarentena, “quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado sobre si próprio e das discriminações raciais e sexuais sem as quais ele não pode subsistir. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena.” (SANTOS, 2020, p.32).

Com o espalhamento do Sars-Cov-2 vimos a psicopolítica se fortalecer e para não sucumbirmos a essa ofensiva, instituímos o disciplinamento como estratégia de resistência à captura de nossas subjetividades e ao adoecimento, conscientes das mazelas de nosso tempo.

## **A busca por uma disciplina**

Na tentativa de fazer de nossos ateliês um lugar de resistência, frente ao isolamento social imposto pelo medo do contágio nos esforçamos por criar uma disciplina diária de produção de objetos. Pequenos afazeres domésticos que trariam alguma sanidade com o transcorrer do tempo. Gestos performáticos na duração de um dia. Os planejamentos da semana, mês e ano se tornaram impossíveis de serem pensados, não sabíamos nada sobre o amanhã. O tempo linear se comprimiu, a periodicidade e a aparente experiência de dias sempre iguais, as horas, minutos e segundos tomaram outra dimensão nas comunicações online, os atrasos e concepção dos tempos das aulas e dos encontros virtuais. O calendário passou a ser diário, com 24h distribuídas entre tarefas domésticas e laborais.

Começamos a pensar apenas no imediatamente realizável, naquilo que seria possível fazer no intervalo de apenas um dia. Nesse desejo de uma disciplina terapêutica e diária, cada uma de nós concebeu protocolos e sistemas operacionais particulares que serão relatados a seguir.

## **1 pintura por dia**

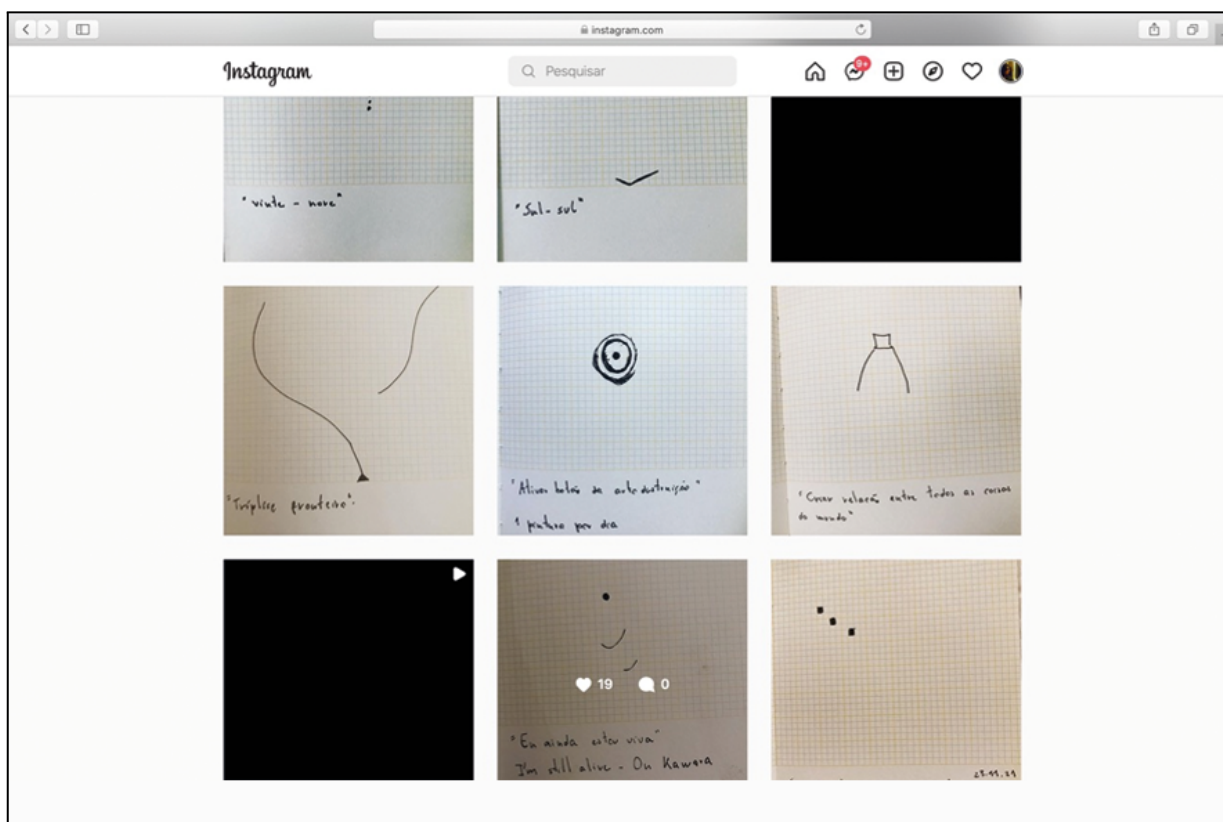
“1 pintura por dia” é uma continuidade de trabalhos de Isabel Carneiro que começaram em 2009 com a série 90 telas em 90 dias. A condição necessária do trabalho plástico está na realização de pequenas tarefas diárias que tentam estabelecer uma ordem, uma disciplina para o fazer artístico. Prática artística diária que modela uma rotina obsessiva de controlar ações, pensamentos e palavras. O estabelecimento do jogo constrói um sistema: um motivo para acordar, um motivo



para entrar no ateliê, um motivo para fazer arte. Essa mesma prática do exercício diário foi expandida para a recente e última série iniciada em maio de 2020, também intitulada 1 pintura por dia iniciada durante o isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus.

"1 pintura por dia" (2020-) expõe a dualidade entre a construção de um objeto de arte e a esfera terapêutica. (Figura 1). Fazer todos os dias a mesma coisa promove uma narrativa obsessiva, que toma forma em construções efêmeras marcadas pelo início do dia e das tarefas domésticas. O cotidiano ganha singularidade, parte de uma banalidade e se transforma num objeto.

Todos os dias, a execução de uma pintura cronometrada, podendo ser realizada em intervalos diferentes (10 min, 5 min, 2 min 30 segundos, 15 segundos ou 5 segundos), e sua postagem diária no Instagram, propõe uma investigação sobre o objeto e suas formas de visibilidade. As questões da pintura se impõem, mas são deixadas para o segundo plano. Não se acredita mais em objeto artístico e no embate com a história da pintura. Torna-se uma prática que traz um regimento, uma disciplina mais importante que o resultado. E essa prática é inevitavelmente pedagógica, pois forma um campo de compartilhamento.

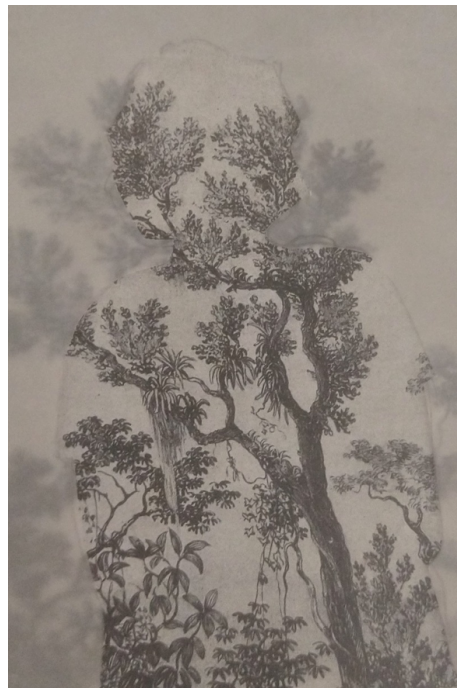


**Figura 1.** Isabel Carneiro, *1 pintura por dia*, 2020. Técnica mista, dimensões variadas. Acervo da artista. Fonte: Instagram

O importante é a criação de uma ação performativa que opera dentro do cotidiano. O estabelecimento de regras de composição é fundamental para o trabalho plástico. A disciplina do fazer artístico é uma autoimposição, forma de regramento de si mesmo.

## Dias de espera no ateliê

Com a chegada da pandemia do Covid-19, sob o tempo da espera provocado pelo afastamento social compulsório, Jacqueline Siano percebeu que havia um único deslocamento possível a ser operado: dentro de sua própria obra artística e literária cujos lastros poéticos e intelectuais foram atualizados por uma nova metodologia do isolamento. Passou a deambular por seu ateliê, buscando escapar de uma possível paralisia, inaugurando um novo protocolo operacional que se baseia num percurso virtual pelo álbum “Viagem Pitoresca Através do Brasil” (1835), do artista Johann Moritz Rugendas. Foi através de seu álbum de viagem, que a artista conheceu Vila Inhomirim, sítio de sua pesquisa de campo. Diante da impossibilidade de percorrer os rastros da permanência de Rugendas naquela localidade, Jacqueline encontrou na ampliação e recorte de sua imagem caminhando na mata da região, a personagem que poderia percorrer virtualmente as páginas do álbum de Rugendas. Iniciou assim, a série fotográfica “Eu, viajante local” (2020-), destacando e encobrendo partes das imagens do referido álbum. Tendo utilizado papel vegetal como suporte para sua figura, a translucidez do papel criou uma espécie de veladura sobre parte da estampa dando, por vezes, maior destaque ao recorte vazado (Figuras 2 e 3), criando um jogo entre recuos e aproximações no espaço-tempo das obras.



**Figura 2.** Jac Siano, *Série Eu, viajante local* (2020-) Intervenção de papel vegetal sobre reprodução de J. M. Rugendas, *Viagem Pitoresca Através do Brasil* (1835). Fot. digital, 15 x 10 cm.

**Figura 3.** Jac Siano, *Série Eu, viajante local* (2020-). Intervenção de papel vegetal sobre reprodução do álbum de J.M. Rugendas, *Viagem Pitoresca Através do Brasil* (1835). Fot. digital, 15 x 10 cm. Fonte: Acervo da artista

O embate diário com a iconografia do artista viajante a levou a reflexões sobre os equívocos por uma ideia de progresso que nos dirige sistematicamente à extinção da diversidade de vida no planeta, incluindo-se a sobrevivência da própria espécie humana, já apontados por Isabelle Stengers (2015), que não esboçava confiança nas classes econômica, política ou mesmo científica. A autora não identificava um comprometimento efetivo capaz de conter o estresse climático. Ações que viessem a reverter os efeitos catastróficos sobre o planeta. Interessava-lhes que tudo ficasse como estava (e está), pois assim não se interromperia a corrente de apropriação de “um poder que captura, segmenta e redefine a seu serviço dimensões cada vez mais numerosas do que constitui nossa realidade, nossas vidas e nossas práticas.” (STENGERS, 2015, p.43).

## **A título de considerações finais**

Junto ao assombro da letalidade do SARS-Cov-2, vimos o aumento do clamor à questão ambiental se avolumar, diante dos impactos negativos gerados pela negligência humana. A degradação e alteração de ecossistemas naturais ao redor do planeta podem estar vinculadas ao surgimento e a disseminação de patógenos tão ou mais letais que o coronavírus.

Ailton Krenak, Isabelle Stengers, Boaventura Souza Santos, entre outras/os tantos/as pensadores/as, humanistas e cientistas têm nos alertado sobre o impacto e os malefícios que nossos modos de ocupação e de uso do solo vêm causando ao planeta e às formas de vida complexas que o habitam, incluindo-se aí nossa espécie. Parece-lhes que nos falta uma consciência local e global sobre os riscos que corremos; que muitas serão as dificuldades a serem enfrentadas num futuro, já presente, em nossas vidas cotidianas.

Subestimamos a existência de animais e plantas que constituem biomas complexos, e de comunidades que praticam outros modos de habitar a Terra, que criam ecossistemas mais equilibrados e preservam um conhecimento que teimamos em desprezar.

Investimos na construção de naves e estações orbitais que se supõem capazes de sustentar-nos fora da biosfera, inaugurando um novo estágio de colonização: o neocolonialismo sideral. Será? Por que razão, diante do quadro de iminentes catástrofes climáticas, continuamos a fingir que nada nos afetará? Por que preferimos acreditar numa tecnologia redentora, que nos revelará a saída triunfante ungida pelo capitalismo? Capitalismo que nos coloca diante de uma ideia de humanidade que deixou atrás de si um rastro de destruição ambiental a nível planetário, que nos joga numa deriva ética desconectando a humanidade de sua própria natureza terrestre.

Esta é uma indagação que permeia os escritos de Ailton Krenak, que nos alerta sobre a contínua violação e consumo de nosso planeta, o que nos empurra para uma condição de letal irreversibilidade. Para o autor, precisamos adotar “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019). Propõe-nos uma reconexão com Gaia, com o meio ambiente natural. Sugere que observemos culturas ancestrais que preservam formas criativas no trato da terra, e a observação dos ciclos naturais. Uma “sub-humanidade” que se colocam num outro tempo e relação com as coisas, fora da “normalidade”, e que atrapalha o ritmo dos negócios de madeireiras, mineradoras e do agronegócio. Culturas que têm na vida coletiva e no trato da terra, formas criativas de sobrevivência e de resistência aos ininterruptos avanços de destruição empreendidos por mineradores e madeireiros. Krenak alerta-nos sobre os perigos de insistirmos na mesma narrativa de progresso e de homogeneização da humanidade do consumo, que vê na organicidade das populações indígenas, caiçaras e quilombolas uma sub-humanidade. (pp. 21-22). Comunidades que alcançaram um estágio de organicidade e lentidão incômodo para uma humanidade que tem pressa. Por outro lado, paira no ar uma inquietação generalizada. O vírus se revela mensageiro de uma urgência: de repensarmos e articularmos alternativas políticas e civilizatórias aos modos empregados até agora pela vontade de poder de um capitalismo predatório. Ações que mitiguem os danos até aqui causados. Ailton propõe para tanto, a reconexão com a terra através da incorporação dos modos ancestrais de lidar com o meio ambiente natural. Esta seria uma nova disciplina.

A dimensão internacional do vírus acompanha o atual estágio do neoliberalismo e seu projeto neocolonialista de apropriação de objetos e coisas, de pessoas e culturas; tudo abocanhado, mastigado e regurgitado como demanda de consumo. Tal sistema econômico não distribui riqueza e semeia catástrofes sociais e ambientais sem precedentes

Ao seguirmos o noticiário mais recente, já estamos vivenciando o “tempo das catástrofes” e o coronavírus é mais um sinal de que tudo vai mal. Dúvidas ainda habitam o aparecimento do vírus e suas consequências. Mutações, linhagens, cepas e variantes são termos que passaram a frequentar nossas vidas cotidianamente, enquanto as sequelas pós-contágio deixam cientistas e leigos em permanente estado de apreensão.

Perguntamo-nos o que podem as/os artistas diante desse quadro de incertezas? Talvez a pandemia, com sua cruel pedagogia, seja a lição mais clarificada de um de nossos equívocos humanos: de pensarmos o tempo como uma longa linha infinita, sempre em marcha, em que se contam as horas, e que nos rouba a experiência de temporalidades irreconciliáveis.

## Referências

FOUCAULT, Michel. Os anormais. São Paula: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

\_\_\_\_\_. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 7 ed, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Portugal: Coimbra. Edições Almedina, S.A, 2020. Disponível em:  
<https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Livro-Boaventura-A-pedagogia-do-virus.pdf>

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

**Como citar:**

DE MOURA SIANO, Jacqueline; CARNEIRO, Isabel. Espaços de fabulação em tempos de pandemia. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1160-1169, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.094>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>